

veja São Paulo

40 ANOS

veja.com.br
10 de abril de 2026



Em construção:
projeto reúne
estudantes de
diferentes idades
para terem outras
referências do
comportamento
masculino

A NOVA FORMAÇÃO DE MENINOS

Especialistas apontam a educação de garotos como a chave contra a violência de gênero e escolas adaptam o currículo para abrir outros caminhos para a masculinidade

MENINOS DO FUTURO

Escolas e especialistas apostam no acolhimento, no acompanhamento de perto e na escuta ativa para ajudar garotos a construir novas formas de masculinidade e frear o ciclo de violência contra a mulher no país

TEXTO Vanessa Barone e Laura Pereira Lima FOTOGRAFIA Agliberto Lima

Ninguém duvida que, diante de dados tão alarmantes de feminicídio no Brasil, proteger meninas e mulheres é fundamental e urgente. Mas, para começar a desconstruir o modelo sociocultural que leva ao sexismo, especialistas são praticamente unânimes: é preciso educar e formar melhor os meninos, para que eles cresçam sem normalizar a violência de gênero. “A misoginia não é um fenômeno isolado, mas resultado de processos educativos formais e informais que constroem hierarquias entre masculino e feminino”, aponta Adelir Marinho, doutora em educação e pesquisadora da infância.

Ou seja, antes que um garoto comece a reproduzir falas e atitudes machistas, mesmo em tom de piada, houve primeiro um ambiente que estimulou — ou não reprimiu — esse comportamento. Por ambiente, entende-se a sociedade, em geral, que sempre vai influenciar o indivíduo que está inserido nela, mas também o familiar, onde tudo começa, e o escolar, onde a socialização acontece. Do macro ao micro, é preciso unir os con-

textos que cercam a vida do adulto em formação. “A misoginia nasce no cotidiano”, afirma Adelir.

E é nesse cotidiano, de preferência desde a primeira infância, que é preciso agir para transformar o cenário (veja o quadro na pág. 13). Começando por derrubar algumas máximas herdadas de métodos educacionais ultrapassados, que pregam coisas como “homem não chora”, “menino veste azul e menina veste rosa”, entre outras bobagens que quase toda criança ouviu e, infelizmente, ainda ouve. De frustração em frustração, meninos crescem perpassados pelo machismo estrutural, que, não raro, impacta a saúde mental.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), cerca de 1 000 crianças e adolescentes, na faixa etária entre 10 e 19 anos de idade, cometem suicídio no Brasil a cada ano. A maioria deles é menino (quase 70%). “Quando ninguém ensina um menino a entender o que ele sente, alguém vai ensinar o que ele deve odiar”, alerta Fábio Manzoli, consultor e palestrante sobre masculinidade e criador da Taboo, grupo de mentoria que reúne me-



66

Movimentos como o dos redpills não são a causa, mas a consequência de uma cultura misógina”

Cecília Helal

“Educação emocional é prevenção”, afirma Fábio, ele mesmo “sobrevivente” de uma educação baseada em estereótipos. “Aprendi que tinha de ser durão. Consegui voltar a chorar faz dois anos”, afirma o consultor, que admite ter sido um jovem adulto viciado em pornografia. “Hoje, vejo meninos de 10 anos que acessam sites pornográficos. Como todo vício, isso é usado para anestesiar as emoções”, explica. “Ninguém nasce machista: somos vítimas que, mais tarde, viramos algozes”, diz.

A pedagoga e mestra em educação Cecília Helal vai mais longe. “Movimentos como o dos *redpills* não são a causa, mas a consequência de uma cultura misógina”, afirma. “E esses movimentos costumam cooptar adolescentes que foram reprimidos e nunca aprenderam a lidar com tristeza e frustração. São meninos que, muitas vezes, se sentem invisíveis”, pontua a pedagoga, que acredita que o ambiente escolar precisa estar preparado para lidar com eles, de maneira a acolhê-los, mas também cobrar responsabilidade. “Aos 14 e 15 anos, o adolescente já entende a gravidade de seus atos.”

A competência para lidar com o assunto é, portanto, multidisciplinar. “A misoginia não surge de forma espontânea: é aprendida, por vezes reforçada e naturalizada nos mais diferentes espaços de socialização, inclusive no contexto escolar”, reforça a pesquisadora Adelir Marinho.

Por isso o papel das escolas é tão importante. Principalmente, por ser nesse ambiente que uma parte da violência de gênero se dá. Celina Fernandes, coordenadora da Escola Gracinha, no Itaim Bibi, conta que a instituição tem vivido um aumento de casos do gênero nos últimos anos, muito motivado pelo acesso indiscriminado das crianças às redes sociais. Os próprios estudantes percebem esse movimento. “Tenho ficado muito assustado. Vejo que meninos bem novos já estão tendo acesso a vídeos problemáticos e aquela coisa de *redpill*, e reproduzem isso na escola”, conta João, 17.

O garoto, que está no terceiro ano do ensino médio, diz que começou a reparar mais em situações machistas dentro e fora da escola depois de fazer uma reelaboração interna para repensar os estigmas masculinos que lhe foram impostos e encontrar uma masculinidade menos violenta e mais afetiva. “O homem não pode ficar quieto e se ausentar. Ele precisa se engajar, buscar entender e ficar mais permeável”, defende.

Esse movimento de conscientização e participação nas discussões fez com que ele fosse um dos escolhidos para um novo projeto da escola, que organizará conversas entre meninos dos últimos anos da formação e jovens do nono ano. “Percebemos que esses meninos mais novos nem sempre têm figuras masculinas positivas para servirem de referência”, explica a coordenadora, que pretende mostrar para os adolescentes que é possível ser um garoto des-



colado e admirado sem precisar recair em padrões de gênero já ultrapassados. Inicialmente, ela pensou em eleger como referência os professores da escola, mas notou que os jovens de 13 e 14 anos costumam sentir mais admiração por esses colegas um pouco mais velhos. “Dessa forma, eles também podem se ver num futuro próximo podendo ser diferentes”, diz Celina. As conversas começarão na próxima semana durante as aulas de orientação educacional, no currículo obrigatório.

Também na grade comum dos estudantes, as aulas de convivência e projeto de vida (CPV) no **Colégio Bandeirantes**, na Vila Mariana, é uma das iniciativas que convocam essa juventude para debater as pautas de gênero. “São aulas



semanais, com cinquenta minutos de duração”, explica Beatriz Kohlbach, coordenadora da Convivência no Colégio Bandeirantes. Nelas, alunos a partir do nono ano do ensino médio são estimulados a trazer diferentes temas para a reflexão coletiva, com o apoio de professores que passam por capacitação, para lidar com diferentes demandas. “No ano passado, um dos assuntos que levamos para a sala de aula foi justamente a série *Adolescência*, da Netflix”, diz a coordenadora. “Acreditamos na educação da sociedade como um todo. Hoje, falas ou comportamentos sexistas são inadmissíveis.”

Assim como o Gracinha, o Instituto Acaia, escola filantrópica na Vila Leopoldina, Zona Oeste, também percebeu um aumento desse tipo de comportamento depois da pandemia e, por isso, em 2022, instituiu coletivos obrigatórios para os alunos do oitavo e nono anos. Nos encontros, que começaram separados por gênero e hoje são mistos, os jovens discutem machismo, masculinidade e outras questões, sempre adotando intersecções com raça e classe — temas desde sempre presentes no currículo da instituição, cuja maioria dos alunos é de moradores das comunidades da região, que recebem bolsa integral. “Somos uma escola muito diversa, então conflitos de gênero, classe e raça estão sempre articulados”, explica a coordenadora Juliana Diniz.

Desde o retorno após a pandemia, alunos do oitavo e nono anos se reúnem toda segunda-feira à tarde nos coletivos Minas e Jãos. A estratégia encontrada pelos educadores para engajar as turmas nessas conversas foi abordar os assuntos primeiro de forma indireta. “Ao invés de falarmos exatamente sobre machismo e

pautas feministas, falamos de outras experiências do cotidiano e, à medida que vamos conversando, eles vão percebendo como essas situações são marcadas por questões de gênero”, explica Afonso Cruz, psicólogo da escola que toca os coletivos ao lado de educadores do coletivo Encrespados, que tem parceria pedagógica com a escola. Na aula que a *Vejinha* acompanhou, os educadores mostraram o filme *Que Horas Ela Volta?* e, a partir de um bate-papo aberto e flexível, que começou com “O que vocês acharam do filme?”, chegaram a reflexões sobre a sobrecarga do trabalho feminino. Em outra ocasião, lembra Afonso, ao conversar sobre como os meninos têm o hábito de tratar os assuntos “na zoeira”, eles mesmos perceberam como sentem dificuldade em levar uns aos outros a sério e se apoiar em momentos de dificuldade.

Um dos principais desafios do Acaia, e de todas as escolas atualmente, é o equilíbrio entre breçar comportamentos machistas sem desistir da educação daquele jovem. “Temos uma postura muito firme de interditar qualquer tipo de situação de violência, mas sempre com uma perspectiva de abertura de diálogo. Não podemos esquecer que eles são adolescentes em formação. Não estamos lidando com machistas, mas com situações de machismo”, defende Juliana.

Essas reflexões, tanto em casa quanto na sala de aula, apontam para uma mudança possível — já em curso —, capaz de melhorar o cenário não só para meninas e mulheres, mas também para eles próprios. Estudantes engajados na pauta, como João, Victor e Miguel (*veja no quadro na pág. ao lado*), se beneficiam dessas transformações e mostram que há esperança para essa geração com uma nova formação antimachista. ■